

BLOCO 1

1 – A única coisa que sabia sobre dança contemporânea no Brasil era Marcia haydee e Richard Cragun”

2 – Em dezembro do ano passado eu fui convidado pela Família Real de Monte Carlo para apresentar uma premiação a Marcia Haydee. E outras pessoas também receberam prêmios nessa noite. Uma delas era Billy Forsythe. Eu não via Billy faziam 5 anos. E Marcia Haydee, há um ano e meio. Eu cheguei em Monte Carlo e aquela noite foi maravilhosa, cheia de promênências, uma grande gala. E depois, Karl Lagerfeld estava fazendo retratos da Família Real com os convidados, com Marcia, com Billy e comigo e eu tive a chance de falar com Billy sobre meu projeto social aqui no Brasil. E Billy disse: “eu adoro essa idéia porque eu também pretendo realizar um trabalho social na Africa do Sul. Estou louco para conhecer o seu grupo no Brasil”. E eu disse: “vem! De qualquer forma, você vai ir ao Brasil no ano que vem com a sua companhia, o Ballet de Frankfurt. Vamos ver se você não pode ficar uns dias , pelo menos conversando com os meus bailarinos...” E eu deixei assim. Quando ele chegou, a companhia foi um grande sucesso aqui, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Billy trabalhou uma semana, sete dias, todos os dias, 6 horas por dia, com os bailarinos da companhia De Anima e do projeto social. Foi um presente para mim, nós abrimos um capítulo em nossas vidas, como os antigos colegas jovens no Ballet de Stuttgart, agora, no final de carreira...foi uma coisa para minha companhia que eu jamais vou esquecer. Eu falei assim: “qualquer coisa Billy, brinca, joga com os meus bailarinos.” Ele é muito criativo, ele é muito espontâneo. Ele chegou e falou “eu não sei o que eu vou fazer”. Então ele juntou todo mundo e falou: “vamos começar assim, e assim...” E no final de um dia...

2 – Foi um happening...Foi simplesmente um happening...

3 – Eu nunca vi Billy tão inspirado desde muito tempo. Ele falou: “o talento que vocês tem aqui é enorme, eu nunca vi tanto talento na minha vida, mesmo no próprio projeto social, os bailarinos não tem inibições, eles tem muita musicalidade, são muito musicais..

4 – Em 1972 ele entrou como bailarino do corpo de baile em Stuttgart e mais tarde, poucos anos depois, ele expressou o desejo de coreografar. E ele criou uma coreografia, para ele e sua mulher Elene Bray. Essa coreografia foi tão linda, mas tão linda que ficou óbvio que Billy nasceu para ser coreógrafo.

5 – Totalmente suave!

BLOCO 2

A emoção vem dos bailarinos, que são o valor maior de toda essa equação da dança

1 – Você sendo de origem pobre, da classe baixa, para você percorrer essa profissão, é uma coisa que você tem que ter coração, alma e coração e seguir em frente...

2 – Eu passo na comunidade onde eu moro e as vezes eu vejo amigos meus que agora estão no tráfico de drogas e eles começam a me dar parabéns e eu falo: “então, larga essa arma e vem comigo, quem sabe você não descobre outra vida?”

3 – Quando eu vi o trabalho deles, que é uma coisa mais dança, mais contemporânea, eu fiquei super feliz..

4 – Por ele ser um coreógrafo estrangeiro eu fiquei com medo de não entender o que ele queria dizer, eu já tinha assistido um ensaio dele e vi que as coisas eram muito físicas e aí eu pensei, caramba, será que eu tenho preparo para isso? Aí eu me preparei bastante antes desse trabalho, sendo que quando eu cheguei aqui eu tive um “baque” de início porque ele é também americano e veio do gueto, dos negros, e tem um jeito de trabalho muito próximo do nosso brasileiro.

5 - Com a vinda do forsythe agora dá um estímulo maior,, até quando a gente volta pra casa...Eu fico pensando, eu posso até não seguir carreira, não fazer história, mas eu tive contato com os melhores...

6 – Ele até aprendeu meu nome, eu me chamo Max e ele me chama de “Max” (acento americano)

7 – Eu acho que ele vai levar isso com ele pra sempre, essa espontaneidade dos brasileiros

8 – Simplesmente dançar, parar uma vez em casa e dançar. Ele trouxe pra mim de volta, eu estava meio esquecido, ele resgatou isso em mim. E com certeza melhora a qualidade do nosso trabalho. Porque como é que você dança sem se lembrar que você gosta de dançar? É como os bailarinos falam, a dança que tem libertar e não aprisionar. Foi super interessante porque o forsythe deu espaço pra que nós falássemos também.

9 Realmente, foi uma oportunidade única que nós tivemos de passar 1 semana com quem, sem dúvida nenhuma, é um mestre, um grande mestre, seão “o” mestre da criação contemporânea do mundo hoje em dia. Não só a grande gama de informações que ele passou pra gente, mas também a generosidade com que isso foi feito. O que eu mais aprendi nessa 1 semana com Willian Forsyhte aqui é o quanto a gente tá sempre experimentando. O quanto a gente tá sempre aberto a procurar novos caminhos. NO momento em que a gente acha uma fórmula, aí tem que parar. Pára de fazer coreografia.

10 Ele sempre deixou claro que a informação, se ela não é passada, não tem valor. Ele diz que o coreógrafo é, antes de tudo, um educador, um pedagogo, um professor.

11 Eles fazem aula na De Anima, aula de ballet, três vezes por semana e a gente procura ter uma parceria mais profunda. Os meninos assistem aos espetáculos da De Anima, e quando o Roberto ou o Richard tem a possibilidade de conseguir uma conversa com

coreografos, com bailarinos, uma coisa que eles possam fazer a gente sempre tá junto e a gente cobra muito deles..

- 12 São jovens pobres moradores de um lugar pobre, marginalizado
- 13 Eu comecei a fazer street dance. Na verdade eu entrei lá pra fazer futebol eu achava bacana ver aqueles caras jogando..aí eu vi aquele grupo dançando e falei: “vou fazer isso também, vou dançar igual a eles..” Eu vim pra o De Anima através do Roberto. Ele foi lá na favela da maré, viu a gente dançando e resgatou a gente pra fazer aula aqui. Daí veio o Forsythe, um dos melhores do mundo, caramba, eu nunca pensei que fosse fazer aula com ele..
- 14 O nosso programa social tem como objetivo funcionar como uma espécie de “anzol” para pesca e seleção de talentos. Nós temos parcerias com algumas instituições que estejam dentro de comunidades ou já tenham feito esse trabalho de pré-seleção e nós fazemos essas aulas tentando buscar talentos que se insiram na nossa companhia. E a nossa grande dificuldade é saber se o projeto vai continuar. Porque não existe retorno financeiro para isso.
- 15 Quando você trabalha com arte você começa a frequentar lugares que você nunca foi, começa a entrar em teatros e com o tempo você também se descobre como um cidadão brasileiro, seus direitos, seus deveres e até um pouquinho da nossa cultura, que fica às vezes esquecida
- 16 Através da dança a gente não aprende só a dançar, mas aprende a levar a vida, não desistir fácil, como se apresentar às pessoas. Não é só coreografar, bater palmas e acabou..
- 17 Os espaços culturais das pessoas que estavam ali trabalhando com ele, estavam ditos e definidos, mas completamente transcedidos pela dança.
- 18 A gente tá habituado assim: é afro? Então, vamos dançar afro! Ele não, ele mistura tudo, pega um pouco daqui e dali...A gente pensava assim, é “street” e aí seguimos o street. Mas aí depois a gente percebia, não é bem isso, é só pra passar pelo street...
- 19 EU pensava que o Forsythe só ia nos dar coisas dele e a gente ia só sugar..Mas o que eu tô sentindo é que está havendo um intercâmbio cultural, ou seja, ele nos dá coisas e a gente também dá, e a gente começa a trabalhar pela transformação e mesclagem de um trabalho com outro, e a gente propõe coisas ele vai e muda...e a gente propõe novamente...é aquela questão, vai coreografando, desconstrói, coreografa novamente, dividi de novo...

BLOCO 3

“Me sinto uma pessoa privilegiada por ter trabalhado anos com o Ballet de Frankfurt”

BLOCO 4

“Tenho muita energia para educar e adoro trabalhar. Sou pai de 3 filhos.”

1 – Eu acho que lá for a ele é um mito e aqui ele não entrou como um mito, ele entrou como uma pessoa disposta a mostrar tudo o que ele sabia..

2 A partir do momento que você chega perto, conversa, troca uma palavra, você passa a não enxergar mais aquela distância, ele tá ali do lado, passa a ser uma pessoa comum...O mito morre... Talvez daqui a uma semana ele volte a ser um mito novamente..

3 Todo mundo sabe da grandeza desse coreógrafo. E o que foi muito importante para mim foi a delicadeza , a humildade e a sensibilidade desse coreógrafo. Só um grande artista tem essa sensibilidade..

4 É tipo uma simbiose entre os bailarinos e ele. Ele vai se contagiando com os bailarinos e vai alterando, modificando, buscando , explorando os nossos movimentos até chegar no que ele realmente acha que é interessante.

5 poucos brasileiros no mundo tiveram a chance de ver o desenvolvimento do trabalho dele, todas as técnicas, todas as linhas de trabalho onde ele consegue desenvolver todo o espetáculo que é a grande movimentação dele. Eu acho que realmente quando ele chega nas cias. Ele chega com as movimentações pré-definidas e aqui no caso ele conseguiu decifrar e discriminar todas as movimentações, todas as possibilidades de movimentação e doou isso de forma única, prazerosa..

6 eu acho que basicamente a coisa que mais impressionou nele foi a nossa cultura, a maneira como a gente vive, a nossa sociedade e como isso tudo influi na nossa alma

7 a nossa cultura dança, a nossa cultura canta, a nossa cultura “musica”...nós temos isso no nosso sangue. Isso é DNA brasileiro. É evidente que nós temos dotes físicos brasileiros. E o recebimento de tecnicas da dança contemporânea nos últimos 10, 15 anos aumentou muito no Brasil. O fluxo de informações aumentou muito. E é evidente que esse celeiro de produção de talentos existe. E é uma pena que nós tenhamos que exportar esses talentos.

8 Na verdade o que as comunidades pobres fazem é a mesma coisa que todo o corpo de toda a classe faz, eles dançam...

9 Eu espero que ele leve isso pra lá, que ele leve essa nossa energia, essa vontade de trabalhar que todos nós temos aqui, e eu espero isso, que ele leve essa energia que a gente tem pra lá!